

ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NAS INDÚSTRIAS DO ESPÍRITO SANTO

Jessyca Medina de Oliveira¹
Tayná Miler de Oliveira²

RESUMO

Este artigo trata de um levantamento de dados sobre os números das mulheres nas indústrias do Espírito Santo, dividindo-os por setor e comparando com dados de pesquisas realizadas em todo Brasil nos anos de 1985, 1993 e 1997. Desde então esta apuração não tem sido mais feita. Este projeto aborda os números de 36 indústrias do Espírito Santo de diversos setores, portes e regiões, buscando uma amostragem ampla e variada, possibilitando a obtenção de pontos a serem correlacionados. No decorrer deste estudo, ocorreram coletas de dados, que foram colacionados a fim de quantificar e identificar as mudanças ou permanências dos números levantados anteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Indústria. Espírito Santo.

ABSTRACT

This article presents a survey on the amount of women in Espírito Santo's industries, dividing them by sector and comparing with data from previous surveys conducted throughout Brazil in the years 1985, 1993 and 1997. Since then this data has not been collected anymore. This project considers data of 36 Espírito Santo's industries from various sectors, different sizes and regions, searching for a wide and varied sampling, making it possible to obtain data to be correlated. During this study data were collected, which were collated in order to quantify and identify the changes or permanencies of the numbers previously raised.

KEYWORDS: Woman. Industry. Espírito Santo

¹ Graduanda em Engenharia Mecânica pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus.

² Graduanda em Engenharia Mecânica pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, foi possível observar um aumento significativo da presença feminina em áreas industriais. Entretanto ainda há uma disparidade em relação à ocupação masculina. Essa diferença é muito mais discrepante quando analisadas áreas distintas da indústria.

As atividades industriais em geral são vistas pela sociedade como masculinas. Desde os primórdios são designadas aos homens as tarefas de executar, criar e construir, e às mulheres as tarefas de zelar.

A participação feminina no mercado de trabalho teve início em meados do século XVIII, quando ainda acreditava-se que o homem deveria prover o sustento da família e a mulher manter a ordem do lar e educar os filhos. O dia internacional das mulheres em 8 de março de 1857 pode ter sido o ponto de partida para a reflexão da posição da mulher no mercado de trabalho e principalmente nas indústrias. A partir de então a mulher começou a ter convicção de que tem um papel importante no mercado de trabalho industrial e vem lutando por seu espaço nesse seguimento. Porém, mesmo depois de tanto tempo, os números de sua participação ainda se mantêm baixos no setor. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em uma pesquisa realizada em 2015, apenas 13% de toda a população feminina ocupada do Brasil está na indústria. No Espírito Santo a quantidade de mulheres não ultrapassou 10%. Esses números trazem consigo um contexto histórico de um problema cultural relacionado à visão da sociedade patriarcal, que acredita que o homem é o provedor financeiro e a mulher é responsável pelo lar. Esse sistema patriarcal refletiu nos dias atuais em mulheres sendo privadas do acesso à educação, o que compromete o desempenho de atividades de cunho técnico, operacional ou de engenharia.

A fim de entender a realidade da participação da mulher no ambiente fabril no Espírito Santo, e analisados para identificar a quantidade de mulheres empregadas na indústria, bem como em quais setores (mecânica, siderurgia, alimentício, têxtil, dentre outros) estão alocadas, identificando possíveis ramos

industriais nos quais a mulher vem conquistando espaço e também em quais setores a presença feminina ainda enfrenta barreiras a serem quebradas. Após a quantificação, espera-se encontrar possíveis fatores que justifiquem essa diferença, com base na literatura e pesquisas já realizadas, possibilitando assim a levantamento de hipóteses para melhorar esta situação.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como método a utilização dos princípios de um estudo de caso, se classificando de forma descritiva e explicativa. Segundo Triviños (1987), a pesquisa descritiva solicita do pesquisador informações acerca do que se quer pesquisar com a intenção de relatar os fatos e fenômenos de uma amostra. Portanto nessa modalidade se observa, registra, analisa e ordena os dados sem modificá-los, utilizando formulários e questionários como é caso deste estudo e dos dados obtidos anteriormente. Já a pesquisa explicativa, segundo Gil (2007), pode ser o desdobramento da descritiva, visto que, para identificação dos dados é necessário que a pesquisa esteja descrita e detalhada. Lakatos e Marconi (2001) mostram que elas também são as responsáveis por indicar as relações de causa e efeito por meio da manipulação das variáveis referentes ao estudo para visualizar as causas do fenômeno.

Os procedimentos utilizados nestes primeiros passos no levantamento de informações são classificados como: levantamento, estudo de caso, bibliográfica e documental. O fundamento teórico das pesquisas de base para comparação fora obtido por meio de estudos anteriores que compreendem a participação da mulher nas indústrias, contexto histórico, e definições acerca do papel da mulher, através de órgãos reconhecidos como o IBGE, MTE e CONFEA. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram coletados dados atuais junto com empresas do ramo industrial do estado do Espírito Santo para identificação, obtenção, análise e comparação.

A partir desta compreensão desencadeia-se a realização do processo de construção desta pesquisa. Basicamente, a mesma é dividida em cinco fases interligadas, preservando cada fase com suas características e objetivos.

De acordo com o Portal da Indústria o estado do Espírito Santo possuía 10.113 empresas de micro, pequeno, médio e grande porte, no ano de 2017. Essas empresas podem ser classificadas como indústrias, pois, exercem atividades de produção que transformam matéria-prima em produtos designados para consumo (AOKI, 2013).

Estas corporações estão espalhadas por todo o estado, dificultando o contato direto com grande parte das mesmas. Portanto para ser realizado o levantamento dos dados foram estabelecidos contatos, através de canais virtuais disponibilizados nos sites das mesmas. Ademais, foram feitos contatos via telefonema, via contatos relacionados e principalmente através do e-mail. Após essa solicitação inicial, era enviado para o setor de recursos humanos das empresas um questionário online, criado para tratar do assunto de forma clara e objetiva com o objetivo de facilitar a coleta de informações. Segundo Severino (2017) questionários são definidos como conjuntos de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados a fim de a conhecer a opinião destes sobre o assunto em estudo. Aplicando questionários, foi levantada a quantidade de funcionários total de cada indústria e a respectiva quantidade de mulheres participantes do quadro de funcionários daquela empresa.

Para entrar em conformidade as pesquisas do IBGE, o questionário também abordou o setor de atuação da empresa. Para conformidade de dados, considerou-se os mesmos setores nas pesquisas realizadas nos anos de nos anos de 1985, 1993 e 1997. Também, foram obtidos dados de localidade das empresas, para a devida classificação e segregação dos dados. Estas informações foram indispensáveis, visto que os dados seriam comparados com pesquisas já existentes.

Foram encaminhados formulários para 156 empresas do seguimento industrial, com a finalidade de coletar e filtrar essas informações e identificar quais empresas se encaixavam no estudo. Segundo Sayão (2015), dados coletados para uma pesquisa tem um ciclo de vida, no qual filtrar as informações é um dos meios de assegurar a qualidade do que foi coletado.

O processo de filtrar seguiu um padrão para separar os dados que seriam utilizados:

- I) Quais empresas responderam todas as perguntas de maneira correta.
- II) Quais empresas atuam nos setores dentro da conformidade com as pesquisas do IBGE.

Com todos os dados devidamente prontos, inicia-se o chamado tratamento de material. Segundo Teixeira (2011) essa é uma etapa na pesquisa em que o pesquisador pode adequar as informações coletadas de forma que atenda aos propósitos do estudo. Desta maneira, as informações que seriam utilizadas no estudo foram reunidas em uma planilha, agrupando-as por ramo de atuação. Os dados a respeito da quantidade de funcionários totais e quantidade de mulheres atuantes nas empresas foram processados em forma de porcentagem, relacionando as variações entre os mesmos. Essas informações foram então demonstradas em tabelas e gráficos a fim de facilitar a visualização e entendimento dos dados obtidos, assim como para comparação com outras pesquisas.

A análise de dados foi executada em três etapas: apresentação, oscilação e comparação dos dados, com o objetivo de demonstrar as conclusões recolhidas em todo o desenvolvimento dessa pesquisa. Dessa forma foi possível correlacionar à participação feminina na indústria do estado do Espírito Santo, em uma subdivisão de setores. Por fim classifica-se a natureza dos dados empregados como qualitativa e quantitativa, pois no decorrer deste estudo, além de um levantamento histórico dos fatos relatando acontecimentos, situações e comparações, ocorre também um levantamento de números de um grupo de pessoas.

3 RESULTADOS

3.1 APRESENTAÇÃO DE DADOS LEVANTADOS

Apenas 49 empresas responderam ao questionário, mostrando uma baixa adesão. Os resultados obtidos foram filtrados para verificação se todos os itens foram respondidos corretamente e se o setor da empresa se encaixava nos setores para comparação com a pesquisa IBGE. Dos 49 questionários respondidos, 36 atenderam aos critérios estabelecidos e seguiram para a fase de análise dos dados obtidos. Por um acordo de confidencialidade com as empresas, seus nomes não são citados neste trabalho.

Entre as 36 indústrias do Espírito Santo que responderam ao questionário, notou-se que em seis dos oito seguimentos analisados a participação feminina é menor que a da média nacional coletado em todos os anos de 1985, 1988 e 1997.

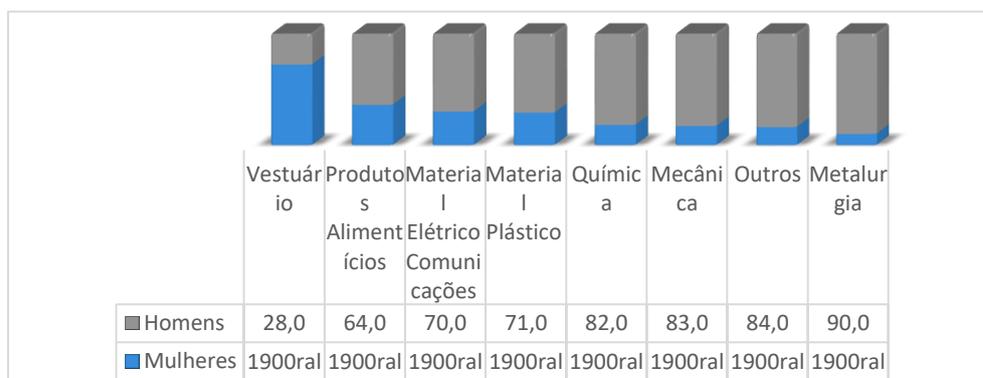


Gráfico 2 –

População ocupada, por tipo de atividade e gênero no Espírito Santo em 2018 (%).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo Queiroga (2011) a sociedade sendo patriarcal destinou às mulheres as atividades de cuidado, muito também pelas suas condições físicas. Algumas vezes o direito de educação era negado ou dificultado devido a essas circunstâncias, o que nos primórdios impossibilitou a busca por conhecimento tecnológico e prejudicou a inserção e/ou ampliação da participação da mulher na área industrial. Embora tenham decorrido 33 anos desde a pesquisa inicial feita

pelo IBGE em 1985, percebe-se conforme o Gráfico 2, que a mão de obra feminina em 2018 continua enfrentando dificuldades em adentrar no seguimento industrial do estado.

3.2 COMPARAÇÃO DOS DADOS ATUAIS COM OS DADOS NACIONAIS DE 1985 A 1997 SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA

Ao analisar os dados notou-se que apenas dois dos oito setores estudados, química e materiais elétricos e comunicações, demonstraram uma oscilação positiva para o aumento do número de mulheres, quando comparado aos dados coletados pelo IBGE nos anos de 1985, 1988 e 1997 conforme apresentado no Gráfico 3.

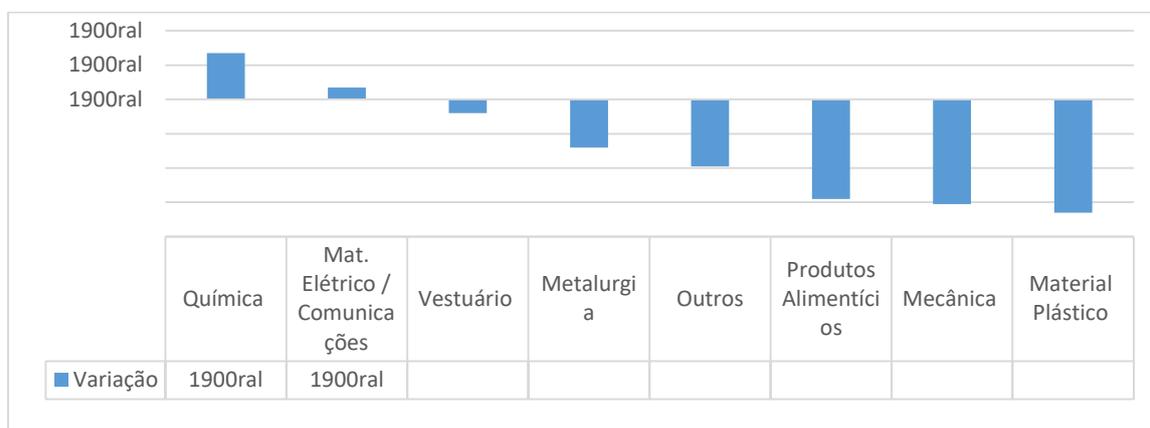


Gráfico 3 – Percentual de variação de mulheres na indústria do Espírito Santo comparado aos dados nacionais (1988 a 1997)

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Comparando a média nacional de 1988, 1995 e 1997, com os dados coletados nesta pesquisa, conforme tabela 3, o setor de materiais elétricos passou de 30% para 32%, e o setor de química passou 18% para 23%. Isto projeta variações positivas de 6% no total para o setor elétrico e 26,98% na indústria química.

Tabela 3 – Variação da média da porcentagem de mulheres na indústria entre os anos de 1985, 1988 a 1997 no Brasil em relação aos dados coletados nessa pesquisa no Espírito Santo em 2018.

Setor	Média entre os anos de 1985 a 1997	2018	Variação
Material Elétrico/Comunicações	30%	32%	6,67
Material Plástico	29%	10%	-65,52

Mecânica	17%	7%	-60,71
Metalurgia	10%	7%	-27,50
Outros	16%	10%	-38,88
Produtos Alimentícios	36%	15%	-58,33
Química	18%	23%	26,56
Vestuário	72%	66%	-8,44
Total	25%	19%	-25,70

Fonte: Elaborado pelas Autoras.

O setor com menor variação negativa foi o setor do vestuário que passou de 72% na média nacional para 66% na média estadual, causando uma variação de -8,96%, o que pode explicar essa queda é a crise que o Brasil vem enfrentando desde 2014, a busca por mecanizações de atividades, o que por consequência tem se tornado uma ocupação masculina e um trabalho relativamente bem remunerado (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO, ABIT, 2015; FERNÁNDEZ-KELLY, 1983).

Na metalurgia ocorreu uma mudança de 10% para 7%, uma variação que corresponde a -30%, sendo um dos setores com o menor número de mulheres no âmbito nacional nos anos entre 1985 a 1997 e permaneceu nesta pesquisa feita em 2018 no Espírito Santo. Durham (1980) ao estudar sobre os perfis da família operaria no Brasil, constatou que os operários da indústria metalúrgica não são somente apegados a família, mas também preferem a divisão sexual do trabalho nos moldes tradicionais, com a subordinação da mulher ao homem e a restrição de suas atividades ao espaço doméstico. Certamente, por esse ponto e concepção os trabalhadores desse seguimento dificultam o crescimento do número de mulheres na metalurgia.

Os setores classificados como “outros” passou de 16% na pesquisa nacional para 10% na pesquisa estadual, ou seja, houve uma variação de aproximadamente -39%. Abramo (2007) acredita que essa diferença pode ser causada por:

(...) as distintas realidades e possibilidades vividas por homens e mulheres em termos das suas oportunidades de inserção no mercado de trabalho e da qualidade dessa inserção.

A indústria de produtos alimentícios teve uma queda de -58% no número de mulheres no Espírito Santo, um número muito próximo ao setor de mecânica que teve uma variação de -61%. A variação da presença feminina no setor alimentício passou de 36% na pesquisa nacional, para 15% no Espírito Santo, já no setor de mecânica as mulheres que correspondiam a 17% nessa pesquisa só correspondem a 7%.

A dificuldade para analisar a absorção de trabalhadoras pela indústria de produtos alimentícios está na sua diversificação. Sua produção não é homogênea, sendo o segmento formado por um elevado número de empresas altamente heterogêneas. Como os processos produtivos são bastante diferenciados, incluem moinho de trigo, milho, mandioca, café, padaria/confeitaria, usina de açúcar, laticínios, abate e preparação de carnes. São segmentos industriais muito díspares. A principal característica desse setor é possuir por excelência relações trabalhistas relativamente precárias, mão-de-obra pouco qualificada e gigantescas externalidades em termos de bem-estar. Aparentemente, esta indústria permite uma ponte entre o meio rural e o urbano, o que facilita tais arranjos diferenciados nas relações trabalhistas. (MELO, 2000).

A indústria de material plástico é o seguimento com a maior queda do número de mulheres entre todos os analisados, ela passou de 29% para 10% uma queda de aproximadamente 66%. Entretanto, os valores aqui obtidos não englobaram toda a população do setor industrial do Espírito Santo. É possível, portanto, que se a amostra aumentar os valores possam se distanciar dos valores aqui apresentados.

3.3 COMPARAÇÃO DE DADOS COLETADOS NO ESPÍRITO SANTO COM OS DADOS DE OUTRAS LOCALIDADES

É possível encontrar na literatura alguns trabalhos com focos semelhantes como, por exemplo, os dados levantados por Galvane (2016) ao analisar as trabalhadoras da indústria plástica da cidade de Orleans em Santa Catarina. Notou-se que 57% das mulheres que trabalham na indústria estão no setor de materiais plástico, e estas ocupam 48% das vagas dessas indústrias, um número muito grande comparado aos 10% apresentados nas indústrias do Espírito Santo.

Para compreender o aumento da participação da força de trabalho feminina no mercado de trabalho, é necessário articular diversos elementos, dentre eles, os altos índices de escolaridade das mulheres. Entretanto, no que diz respeito às indústrias de fabricação de produtos de materiais plásticos de Orleans, há outro fator a ser considerado: a escassez da força de trabalho masculina (...) algumas funções dentro dessas indústrias passaram a ser realizadas por mulheres devido à dificuldade de se encontrar homens para trabalhar. (GALVANE, 2016).

Embora a participação feminina na indústria de material plástico de Santa Catarina seja equiparada a masculina, ela segue em torno de muitas normas de gênero que são moldadas de acordo com os interesses das organizações, atividades são determinadas como de “homem” ou “mulher”, criando barreiras que dificultam a inserção de mulheres em algumas atividades ou setores, essas barreiras são criadas por convicções machistas e sexistas e deixam de existir quando convém:

De fato, é interessante perceber que, segundo os/as entrevistados/as, quando a produção corre risco de parar ou diminuir seu ritmo devido à escassez de força de trabalho, as mulheres são contratadas para realizarem atividades que seriam, até então, exclusivas dos homens. Nesse caso, parece que as questões peso, altura, posição de trabalho ou normas da empresa passam a não interferir nas atividades realizadas. (GALVANE, 2016).

Já no estudo feito por Sardenberg, Ferreira e Costa (2004) sobre mulheres metalúrgicas no Norte e Nordeste do Brasil notou-se que as maiores diferenças eram encontradas nas áreas de metal mecânica, na maior parte dos setores a presença feminina não chegava a 10%, no estado do Espírito Santo os setores de Mecânica e Metalurgia contam com apenas 7% de mulheres.

Outro ponto ainda mais alarmante é que de acordo com as informações disponibilizadas pelo RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) no ano de 1996 no Norte e Nordeste, mostraram diferenças sensíveis entre a força de trabalho feminina e masculina, tais discrepâncias se mostraram ainda maiores no Nordeste, onde o nível de escolaridade da mulher é notavelmente superior ao dos homens, levando a mesma a concluir que a uma tendência da desvalorização do trabalho feminino naquela localidade. No ramo alimentício de acordo com Sato e Lacaz (2000) em sua pesquisa sobre as Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores do ramo da alimentação feita em 2000, cerca de 50% dos trabalhadores que constituem a base da CUT (Central Única dos

Trabalhadores) são mulheres. Segundo Diesse (2006) no estado de Santa Catarina setor de abate de aves emprega 130 mil trabalhadores destes 51 mil são mulheres, o que corresponde a 40% da força de trabalho, nos dados levantados no Espírito Santo nessa pesquisa a força de trabalho feminina corresponde 15%.

Segundo Rodda (1991) em países pobres as mulheres são responsáveis por partes significativas da produção, em cada país as suas funções mudam de acordo com as culturas locais, na África 70% dos alimentos são produzidos por mulheres, na Ásia a proporção varia de 50 a 60% e na América Latina gira em torno de 30%, ainda nesse território essa mão de obra é empregada principalmente na colheita do café e produção de sementes, com a explicação de que essas tarefas repetitivas e tediosas exigem dedos ágeis de dedicação.

Segundo Delgado e Lopes (1992):

Apesar de as estatísticas internacionais evidenciarem a presença dominante das mulheres no campo, elas mostram também que nas áreas onde as modernas tecnologias de mecanização agrícola são introduzidas, a demanda pelo trabalho feminino diminui, assim como nos planejamentos de projetos de desenvolvimento são os homens, em sua maioria, que têm acesso a treinamentos, créditos e novas tecnologias.

Lourenço (2018) fez um levantamento em uma indústria química do Estado de Minas Gerais e encontrou um ambiente discriminatório e machista:

A cultura machista disseminada na sociedade limita apenas a mulher de agir, de se portar como deseja. Dentro da indústria química há, por exemplo, uma definição do padrão ideal de se vestir, no qual são distribuídos uniformes aos funcionários e regras do que se deve ou não usar, porém essa padronização masculiniza a mulher, modelos de uniformes largos, proibindo acessórios mesmo em áreas que não operacionais. Essa forma de masculinização para adequar a mulher ao contexto da indústria leva à questão da diferenciação de gênero, que julga que o adequado para se trabalhar na indústria é o estereótipo masculino e, por isso, para as mulheres exercerem funções socialmente pertencentes aos homens e para estarem no meio deles, elas precisam negar a si mesmas e agir como homens.

Nesta empresa apenas 14% da força de trabalho era feminina, um número menor ainda que no Espírito Santo onde esse número é de 23% de acordo com

os dados coletados nessa pesquisa. Além do baixo quantitativo de mulheres a autora notou que as mesmas não estavam inseridas em todos os setores da empresa, elas se encontravam em áreas administrativas ou em cargos que não exigiam esforço físico.

Em um estudo sobre o setor têxtil feito por Cruz-Moreira em Honduras (2003) levantou que aproximadamente 63% da mão de obra era feminina, número próximo ao do estado, onde as mulheres representam 66% da mão de obra das empresas analisadas por essa pesquisa. Em outro estudo feito em 2002 por Mazier e Castillo também sobre a indústria têxtil em Honduras foram relatadas más condições de trabalho, abusos, excesso de carga de trabalho, falta de pagamento de hora extra, bem como a repressão a sindicalização. Na indústria de Materiais elétricos, segundo dados do RAIS (2007) 24% da força de trabalho desse setor em Santa Catarina era composta por mulheres, no Espírito Santo esse número é de 32%. Outro dado importante sobre a participação feminina nesse seguimento foi notado na pesquisa feita por Almeida em 2013 ao analisar a composição do conselho de administração no setor de energia elétrica no Brasil notou-se que menos de 8% do conselho é composto por mulhere, e mais de 66% dos conselhos não possuem nenhuma mulher em seu quadro.

4 CONCLUSÃO

A análise realizada nos permitiu tecer algumas considerações sobre a situação da mulher nas indústrias do Espírito Santo acerca de sua participação através da comparação dos dados colhidos entre 1985 a 1997 pelo IBGE no Brasil. Também possibilitou a comparação desses números com outros estudos, feitos por pesquisadores -citados aqui- nos mais variados seguimentos, amostragem e localidades do Brasil e do mundo. Notou-se ao analisar os dados dessa pesquisa que as mulheres permanecem sendo minoria em grande parte dos seguimentos industriais no estado do Espírito Santo e seguem encontrando dificuldades para o aumento de sua participação.

Embora passado mais de 30 anos desde a última pesquisa feita pelo IBGE em todo território nacional os números atuais no estado demonstram uma baixa

efetividade feminina no ramo industrial. Isto evidencia que mesmo após décadas e evolução na mudança da forma com que a mulher é vista perante a sociedade, a pesquisa ainda sim apresentou números, em sua maioria, menores que os coletados anteriormente. Isto mostra que a indústria capixaba não acompanhou o progresso estrutural e comportamental das indústrias nacionais. O caso mais alarmante é o da indústria de materiais plásticos, onde os números são em média 65% menores que os nacionais comparados à média feita entre os anos de 1985 a 1997. Nesse período a participação feminina era de 29% em todo território nacional, no Espírito Santo os dados levantados neste estudo mostram que as mulheres correspondem a apenas 10% da força de trabalho, em Santa Catarina, local berço das indústrias plásticas, o quantitativo de mulheres gira em torno de 57%.

Entretanto também foi possível notar o aumento do quantitativo de mulheres, como no caso da indústria química, que apresentou um aumento de 26% quando comparados os dados do IBGE com os desse estudo, passando de 18% no Brasil para 23% no Espírito Santo, e sendo maior que os 14% encontrado em uma indústria de Minas Gerais também em 2018.

É importante salientar que a amostragem coletada nesse estudo ainda é muito pequena quando comparada a totalidade de indústrias no estado, sendo importante a realização de pesquisas futuras com uma amostragem maior. Traçando se possível, em quais lugares das indústrias essas mulheres estão alocadas, tendo em vista que ao longo desse estudo notou-se que por diversas vezes as mulheres não desempenham papéis ligados diretamente à produção e sim em setores administrativos, paralelos, menores ou de menos prestígio e/ou remuneração. Também notou-se durante esse estudo a falta de pesquisas similares recentes, deixando aqui a vigilância quanto à importância sobre a investigação do motivo para o baixo número de estudos correlacionados a estes nos últimos anos no Brasil. Tendo em vista que a maioria dos dados encontrados possui mais de 20 anos, dificultando o estabelecimento e acompanhamento de padrões, oscilações e migrações. Impedindo não somente o acesso à informação, mas também a possíveis formulações de programas para equilibrar

a proporção de mulheres no ambiente industrial. A obtenção do equilíbrio entre os gêneros traz benefícios para sociedade em geral, tendo em vista que diminui os ressentimentos e tensões em relação à injustiça e igualdade, promovendo um ambiente justo para homens e mulheres. O que além de um desejo é um direito constitucional, onde todos partem da premissa que homens e mulheres são iguais em direitos e deveres.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Lais Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2007.

AOKI, Virginia. **EJA MODERNA: Educação de Jovens e Adultos/Obra coletiva**. 7º ano. 1ª ed. Editora Moderna: São Paulo. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO. Disponível em <www.abit.org.br>. Acesso em 28 de out. 2018.

CRUZ-MOREIRA, Juan Ricardo. **Industrial upgrading nas cadeias produtivas globais: reflexões a partir das indústrias têxteis e do vestuário de Honduras e do Brasil**. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Departamento de Engenharia de Produção. p.56. 2003.

DELGADO, Maria Berenice G.; LOPES, Maria Margareth. **Mulheres Trabalhadoras e Meio Ambiente: Um Olhar Feminista No Sindicalismo**. Estudos Feministas, P. 155. 1992.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Nota técnica: a gripe aviária e o impacto sobre os trabalhadores**. Número 20. p. 1-6. 2006.

DURHAM, Eunice. **A família operária: consciência e ideologia**. v. 23, n. 2, p. 201-213. 1980.

FERNÁNDEZ-KELLY, M. Patricia, SASSEN, Saskia. **Recasting women in the global economy: internationalization and changing definitions of gender**. In: BOSE, Christine E., ACOSTA-BELÉN, Edna (eds.). Women in the Latin American development process. Philadelphia: Temple University, p.11. 1985.

GALVANE, Fabia Alberton da Silva. **Trabalhadoras da indústria plástica: políticas de gestão de RH na (re) produção de normas de gênero**. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p.43. 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas. 2001.

LOURENÇO, Aline Pereira. **Ser mulher na indústria química: vivências e percepções**. 2018.

MAZIER, A; CASTILLO, N. **El empleo en la maquina: mitos e realidades**. Universidade Nacional Autónoma de Honduras. Tegucigalpa. P.10. 2002.

MELO, Hildete Pereira de. **O trabalho industrial feminino**. p.31. 2000.
QUEIROGA, Vitória dos Santos Lima. **Ações afirmativas e trabalho da mulher: garantia de um direito ou estabelecimento de um privilégio?** Revista Âmbito Jurídico. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8854&revista_caderno=25>. Acesso em: 02 abr. 2018.

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais. **Manual de Orientação da RAIS**. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/rais_sitio/rais_ftp/manual-RAIS1996.pdf> Acesso em: 10 de out. de 2018.

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais. **Manual de Orientação da RAIS**. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/rais_sitio/rais_ftp/manual-RAIS2007.pdf> Acesso em: 18 de out. de 2018.

RODDA, A. **Women and Environment**. London. Zed Books. Estudos Feministas. 1991.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar; FERREIRA, Silvia Lúcia; COSTA, Ana Alice Alcantara. **A face feminina do complexo metal-mecânico: mulheres metalúrgicas no Norte e Nordeste**. 2004.

SATO, Leny; LACAZ, Francisco Antonio de Castro. **Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores(as) do ramo da alimentação**. Disponível em <http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/caderno13_alimentacao.pdf>. Acesso em 13 de out. 2018.

SAYÃO, Luis Fernando et al. **Guia de gestão de dados de pesquisa para bibliotecários e pesquisadores**. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017.

TEIXEIRA, Enise Barth. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, v. 1, n. 2, p. 177-201. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, p. 25, 1987.